

# **GÊNERO: ENTRE ASPECTOS DA TEORIA SOCIAL E A TEORIA DA LINGUAGEM.**

Karina de F<sup>a</sup> Visentin Bochnia<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo analisar como ocorrem as considerações a respeito dos aspectos do conceito de Gênero através da perspectiva da história social entre a análise da historiadora Carla B. Pinsky, e do conceito de gênero através da perspectiva da teoria da linguagem pós-estruturalista da historiadora Jhoan Scott.

**Palavras-chave:** Gênero, história social, teoria da linguagem.

O conceito de Gênero pode ser observado sobre o olhar de diversas teorias, nesta análise proponho-me a debruçar-me sob duas propostas: primeiramente busquei compreender o conceito de gênero sob a perspectiva da história social, através do artigo da historiadora Carla B. Pinsky e a reflexão da mesma, sobre o posicionamento em relação ao conceito de gênero elaborado pela historiadora Jhoan Scott, posteriormente busco observar o conceito elaborado com base na teoria pós-estruturalista.

## **A perspectiva da história Social:**

Ao observar as vantagens em se adotar o conceito de Gênero a historiadora Carla B. Pinsky<sup>2</sup> relembra que a história das mulheres adquiriu expressão a partir da década de 1970, inspirada por questionamentos feministas e por mudanças que ocorriam na historiografia.

Momento em que ocorreu a ênfase a temáticas como família, sexualidade, representações e grupos “excluídos” e teve seu sucesso atrelado

---

<sup>1</sup> Graduada em história pela UNICENTRO (2007) e em Ciências Sociais pela Faculdade Guarapuava (2014). [Karina\\_bochnia@hotmail.com](mailto:Karina_bochnia@hotmail.com)

<sup>2</sup> <http://www.scielo.br.br/pdf/ref/v17n1/a09v17n1.pdf> < Acesso em 08/jan/2015 >

aos avanços da Nouvelle Histoire, da Social History, e dos Estudos de População. Ao se referir sobre a produção historiográfica da história das mulheres destaca que esta é bastante diversificada, mas todas possuem em comum o reconhecimento de que a condição feminina é construída histórica e socialmente.

Se referindo ao termo Gênero a historiadora destaca que, em algumas reflexões o termo sexo foi questionado por remeter ao biológico e a palavra gênero passou a ser utilizada para enfatizar os aspectos culturais relacionados às diferenças sexuais. Dessa maneira define o termo como: “[...] Gênero remete a cultura, aponta para a construção social das diferenças sexuais, diz respeito às classificações sociais de masculino e feminino [...]”<sup>3</sup>

Nesse viés, é perceptível a ênfase como a historiadora faz a definição do termo, frisando as relações de Gênero ao contexto social. O destaque principal está na relação com o social e não com o próprio sentido do termo em si.

Sobre os pressupostos metodológicos da categoria gênero Pinski, enfatiza que as teorias do patriarcado e as teorias feministas marxistas, não ajudam a explicar historicamente a diversidade das formas de relações entre os sexos e as representações distintas do masculino e do feminino existentes em vários contextos e culturas.

Porém, ressalta que a categoria gênero ajuda a levar em conta as transformações históricas e sociais. Dessa maneira deve-se incorporar na pesquisa e na análise variáveis como: com etnia, raça, classe, grupo etário, nação entre outras.<sup>4</sup>

Para a historiadora Joan Scott: “[...] a história social defende que a diferença de gênero só pode ser entendida dentro do seu quadro explicativo (econômico) [...]” A história social segundo Scott adotou a ideia de que categorias de identidade refletem uma experiência objetiva, assim determinações objetivas e efeitos subjetivos constituem esferas separadas.

---

<sup>3</sup> PINSKY, 2009, p.162

<sup>4</sup> Idem, p.163

Logo determinações objetivas servem mais para confirmar visões preestabelecidas sobre as mulheres que para modifica-las.

### **O conceito sob o olhar pós-estruturalista e as considerações de uma teoria social.**

Ao analisar a ideia adotada pela história social, Scott procurou uma nova abordagem teórica, que fosse capaz de romper com o conceito da filosofia ocidental sustentando o mundo hierarquicamente, em termos de universalidades masculinas e especificidades femininas. Dessa maneira foi na teoria da linguagem, empregadas pelos pós-estruturalistas que ela encontrou uma epistemologia capaz de tratar as mulheres como sujeitos da história e gênero como uma categoria analítica.<sup>5</sup>

Nessa abordagem, a linguagem pode ser analisada não somente através das ideias sobre determinados assuntos, mas também através das representações e organizações da vida e do mundo. Através da linguagem é possível investigar discursos que possuem uma estrutura de proposições, termos, crenças e categorias: histórica, social e institucionalmente específicas.

È a noção de diferença que demonstra o significado, o que a diferença representa para tais discursos em determinadas situações. Portanto, segundo Pinski (2009) è através da desconstrução que a análise de Scott empreende seus esforços, buscando os modos pelos quais os significados são postos para funcionar nos textos. Desse modo para Scott:

[...] “gênero é a organização social da diferença sexual”. Os significados estabelecidos por gênero podem ser contestados politicamente, e é por meio deles que as relações de poder são constituídas. (IDEM, p.169)

---

<sup>5</sup> Idem, p.168

Ao analisar discursos é imprescindível estabelecer o conhecimento sobre o que constitui as diferenças através das relações sociais (instituições, estruturas, práticas, rituais). Ao desconstruir ideias preestabelecidas através dessas relações, é necessário compreender que o conhecimento é uma forma de ordenar o mundo e está atrelado à organização social. Assim, a disputa por significados ocorre dentro de campos de força discursivos e podem aparecer como função legitimadora do poder.

Dessa maneira Pinski destaca que ao analisar a categoria gênero, Joan Scott a observa por meio de jogos de poder constituídos de identidade e experiência, pois, são fenômenos organizados discursivamente em contextos e configurações particulares. Sendo assim trata-se de um fato, sobretudo político.

6

Ao salientar o modo pelo qual Joan Scott desempenha seus estudos através da categoria gênero, a historiadora Carla B. Pinski estabelece algumas críticas em relação à ênfase na diferença, às ferramentas teóricas e principalmente em relação à abordagem pós-estruturalista.

Segundo ela, para alguns pesquisadores a ênfase nas diferenças culturais entre homens e mulheres é perigosa a movimentos sociais contrários a discriminação, pois as diferenças acabam sendo tomadas como permanentes e irreduzíveis.

Outro aspecto observado por ela é a respeito da deficiência das ferramentas teóricas do pós-estruturalismo diante da questão da ação humana, principalmente ao casar essa abordagem com um projeto político, mesmo que tente romper com os determinismos e fazer das mulheres sujeitos históricos fornecendo-as elementos para questionarem as desigualdades de gênero.

E por fim, afirma que a abordagem pós-estruturalista não é clara ao afirmar a possibilidade de intervenção dos sujeitos agentes, mencionando a instabilidade de significados dos conceitos que resultam dos processos de contestação e suas múltiplas definições.

---

<sup>6</sup> Idem, p.169.

Ao mesmo tempo em ocorre essa instabilidade, Pinsky enfatiza que a teoria pós-estruturalista nega a possibilidade de intervenção dos sujeitos agentes, diante da impessoalidade das forças discursivas que constroem o significado e que são favorecidas pela ausência literal do sujeito na exposição das teorias de produção do significado, caindo no determinismo da estrutura da linguagem.<sup>7</sup>

Em defesa da história social, a historiadora reconhece os ideais marxistas ao afirmar que:

Os homens fazem sua história, mas não nas condições que escolheram, e sim nas que lhes foram legadas pelo passado ou as circunstâncias fazem os homens na mesma medida em que os homens fazem a circunstâncias” ( PINSKI, 2009, p.181).

Nesta defesa, Pinski corrobora com a intenção de que os sujeitos são estudados em sua relação com as determinações (sociais, políticas, econômicas e até culturais) e as possibilidades de agir; o pressuposto é de que, na história, as pessoas atuam dentro de condições objetivas determinadas (se as condições são favoráveis, as ações são viáveis). Deste modo consequentemente as possibilidades de ação do sujeito são limitadas.

Para Scott a tentativa de vários historiadores em teorizar a questão de gênero, não fugiu das formulações antigas que propõem explicações causais universais. Nesse sentido, essas teorias tiveram um caráter limitado, pois a tendência dessas foi de incluir generalizações redutoras ou simplistas, minando o sentido da causalidade social e o engajamento feminista de uma análise que permitisse observar elementos que propusessem mudança.<sup>8</sup>

Conforme a visão dessa historiadora é através da linguagem que a identidade de gênero se constrói, visto que a imposição das regras de

---

<sup>7</sup> Idem, p.176.

<sup>8</sup> SCOTT, Joan. 1990, p. 06.

interação social é inerente e especificamente de gênero e a interação feminina com o falo<sup>9</sup> é diferente da relação masculina. Mas a questão da identificação de gênero, aparentemente fixa é instável. Pois, segundo Scott:

[...] os desejos reprimidos são presentes no inconsciente e constituem uma ameaça permanente para a instabilidade da identificação de gênero, negando sua unidade e subvertendo sua sensação de segurança. (IDEM, p.16)

Portanto, a questão da identidade de gênero não é simplesmente imposta pelas condições sociais e sim construída através da linguagem. Já a identificação de gênero é determinada a partir do momento em que percebemos que as ideias conscientes de feminino e masculino não são fixas e variam conforme o contexto.

É necessário admitir que o sujeito encontra-se em um processo de construção constante e deste modo oferece um meio sistemático de interpretar o desejo consciente e inconsciente sendo a linguagem o lugar adequado para realizar tais análises.

Para Scott, é necessário rejeitar o caráter fixo e permanente da oposição binária, é necessário historicizar e desconstruir os termos da diferença sexual, atentando-nos ao nosso vocabulário de análise e o material que queremos analisar. O historiador deve examinar os seus métodos de análise, clarificar as hipóteses e explicar como pensamos que a mudança ocorre.<sup>10</sup>

## **Considerações**

---

<sup>9</sup> Falo nesse contexto refere-se ao sentimento de empoderamento.

<sup>10</sup> Idem, p. 20.

As discussões a respeito de gênero tanto em teoria na história social quanto na teoria pós – estruturalista demonstram a preocupação com o sujeito na história.

Porém, a análise da historiadora Carla Bassanezi Pinsky permite compreender o conceito de Gênero, através das transformações culturais e sociais em determinados períodos históricos. Averiguando como ocorrem as diferenças sexuais através de classificações sociais, utilizando-se das categorias de identidade para investigar experiências objetivas em cada contexto. Compreendendo dessa maneira, o sujeito como ator da cultura e do social, preso a condições determinadas sendo estas decisivas para sua ação enquanto sujeito da história.

Jhon Scott procurou na teoria da linguagem uma base para compreensão de gênero como uma categoria de análise, capaz de conceber o mundo de forma a romper com a ideia de universalidades masculinas e especificidades femininas. Utilizando da linguagem para apreender não somente de ideias sobre determinados assuntos, mas, também da aceção das representações e organizações da vida e do mundo.

Além da percepção sobre o conhecimento sobre as diferenças, a historiadora busca desenvolver sua análise não somente de maneira a buscar dados objetivos, mas de modo a observar as subjetividades construídas pelos atores sociais, bem como a forma como o conhecimento de maneira ordenada constrói significados dentro de campos de força, aparecendo como funções legitimadoras do poder.

Desse modo o conceito de gênero formulado por Scott, demonstra-se uma definição completa, pois, ao captar como os sujeitos perfazem-se em suas representações e organizações de vida, é possível analisar também o papel do sujeito como ator político da sua própria história.

Referencias:

HALL, Stuart. Identidades culturais na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1997

PINSKY, Carla, Bassanezi. Estudos de gênero e História Social. Estudos Feministas, Florianópolis, Janeiro. Abril. 2009. p. 160 - 185.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul./dez. 1990.